

Grande embaixada de vinhos portugueses "ataca" mercado dos EUA

De hoje até dia 13, 14 confrarias de vinhos vão desenvolver uma acção de charme, aproveitando a comunidade emigrante

Lusa

Cerca de 200 "confrades" de 14 confrarias báquicas de Portugal iniciam hoje nos EUA uma das maiores acções de charme de sempre dos vinhos portugueses, aproveitando a comunidade emigrante como porta de entrada para o mercado americano.

Segundo o presidente da direcção da Federação das Confrarias Báquicas de Portugal (FCBP), Albino Jorge, esta delegação representa um movimento inédito do sector para "atacar" um nicho de mercado de alta qualidade, aproveitando a força de vendas da comunidade portuguesa local.

Trata-se, pois, de uma "excelente oportunidade" para os pequenos e médios exportadores penetrarem numa zona onde existem mais de 500 mil portugueses, sustentou, em declarações à agência Lusa.

A decorrer de hoje a 13 deste mês, o programa da iniciativa inclui, no âmbito das celebrações do Dia de Portugal, a entronização de várias personalidades locais e uma missa celebrada pelo bispo de Viseu e Newark na Basílica do Sagrado Coração de Jesus, onde se estima a presença de várias centenas de pessoas.

O dia 10 de Junho será, aliás, o ponto alto desta "missão", que promoverá sessões de provas para profissionais de restauração, importadores, distribuidores, imprensa especializada, líderes de opinião e público em geral, estando previsto para dia 12 um desfile das 14 confrarias portuguesas participantes.

Representantes de regiões vinícolas portuguesas frisaram, em declarações à Lusa, que os 57.335 hectolitros dos vinhos



Os vinhos portugueses querem conquistar o mercado norte-americano / HUMBERTO ALMEIDA

(excepto Porto e Madeira) exportados para os EUA em 2004 constituem uma quantidade pequena para um mercado tão vasto e promissor.

Francisco Pimenta, juiz da Confraria dos Enófilos do Alentejo, reconheceu, em declarações à Lusa, que "numa primeira fase, grande parte do consumo [dos vinhos portugueses] é feito através do mercado da saúde, que tem sido o nosso caminho de entrada", mas consi-

dera que "a aposta tem de ser não só na comunidade portuguesa mas também no resto do mercado".

É que, salientou Francisco Pimenta, os vinhos portugueses apresentam como grande trunfo a diferenciação face aos vinhos de monocastas a que os consumidores americanos estão habituados.

Com uma comitiva de 15 pessoas, entre as quais quatro produtores, a confraria do Alentejo diz que a região já regista para os EUA "níveis bastantes bons de vendas", mas acredita que há ainda "muito potencial a explorar" naquele mercado.

Luís Gusmão Rodrigues, da Confraria do Vinho Verde, apontou também o mercado americano como "forte" para os vinhos da região, destacando a importância de, em Newark, residir uma "enorme colónia" portuguesa, responsável por cerca de 300 restaurantes.

EUA são o sexto destino dos vinhos portugueses

Em 2004 os EUA colocaram-se em sexto lugar entre os principais destinos dos vinhos portugueses (6,47 por cento, excepto Vinho do Porto e da Madeira), sendo precedidos neste ranking por Angola (13,87), França (12,91), Itália (9,39), Reino Unido (8,61) e Alemanha (7,41), conforme valores provisórios do INE.

Segundo dados da Comissão de Viticultura da Região do Alentejo, os seus vinhos são os mais exportados para os EUA (43,2 por cento), seguindo-se os Verdes (20,3), Douro (10,7), Dão (7,4), Setúbal (8,0), Estremadura (4,2), Bairrada e Beiras (3,2), Ribatejo (2,5) e Algarve (0,3).

No que respeita ao Vinho do Porto, os EUA foram, entre Janeiro e Abril de 2005, o sexto maior importador, com 121.054 caixas de 9 litros, verificando-se, no entanto, um decréscimo de 16,2 por cento, em relação ao período homólogo de 2004. França, Holanda, Bélgica e Reino Unido ocupam os primeiros lugares.

De acordo com um estudo apresentado no ano passado, até 2010 é possível aumentar as vendas dos vinhos portugueses nos mercados do Reino Unido e Estados Unidos em cerca de 100 milhões de euros, passando a facturação de 19 para 73 milhões no primeiro e de 17 para 63 milhões no segundo.

"É um mercado com imenso potencial, ainda pouco explorado", considerou, lamentando a "pouca iniciativa" exportadora de Portugal na área dos vinhos, sobretudo quando o próprio relatório de Michael Porter sobre o sector aponta os EUA como mercado prioritário.

Segundo Luís Gusmão Rodrigues, "já se vende alguma coisa para os EUA, mas muito mais se podia vender com mais apoios à exportação".

Em contrapartida, alerta, os outros países produtores de vinho "não estão a dormir" como Portugal, beneficiando há muitos anos de "campanhas e quantias fabulosas" investidas em iniciativas de exportação.

Destacando o mérito da Federação das Companhias Báquicas de Portugal numa iniciativa "totalmente privada e sem estar pendurada no Estado", levar aos EUA uma tão forte comitiva portuguesa, a Confraria do Vinho Verde inclui nesta "missão" mais de uma dezena de produtores.

O presidente da FCBP admite que, caso esta experiência resulte, a federação das confrarias báquicas estará receptiva a replicar a iniciativa noutros países.

Albino Jorge manifesta-se confiante no sucesso desta acção, que contará também com a presença da Federação das Confrarias Gastronómicas de Portugal, admitindo que em futuras acções semelhantes poderão existir condições para incluir igualmente outros produtos agrícolas portugueses, como o azeite.

A deslocação é sustentada financeiramente por cada uma das confrarias participantes: do Vinho do Porto, do Vinho Verde, dos Biscoitos (Açores), do Vinho da Madeira, do Vinho Verde, dos Jornalistas dos Vinhos Portugueses, dos Enófilos da Região Demarcada do Douro, do Dão, da Estremadura, do Alentejo, de Santo Onofre, da Região de Obidos, de São Vicente, da Bairrada e a Enófila de Nossa Senhora do Tejo (Ribatejo).